

FUTEBOL DA MOLECADA

Fernando Cesar Vaghetti

EMEF Dr. José Dias da Silveira

RESUMO

Apresento este trabalho realizado na EMEF Dr. José Dias da Silveira, Brooklin, SP, com a intenção de relatar uma experiência pedagógica durante as aulas de Educação Física dos 5º anos A e B da Rede Municipal de São Paulo. O relato trata do futebol pela relevância social que o atual momento se configura no Brasil, pelas inúmeras práticas futebolísticas que as crianças realizam na escola (nos intervalos, nas salas de aulas, nos corredores, etc.) e fora dela e também por não ter estudado profundamente essa prática corporal com este grupo de alunos. Enfim, falar do futebol enquanto identidade cultural. O projeto amparado nos Estudos Culturais visa compreender como o futebol se entrelaça com a sociedade e de como a prática em questão constrói identidades e diferenças. A partir de representações acerca do tema, os alunos são convidados a falarem de si e do outro, daquilo que os envolvem, daquilo que os fazem humanos, da sua existência, a fim de produzirem outros significados relativos aos problemas enfrentados durante as aulas. Significando o currículo na busca de opções solidárias e democráticas de vida. O trabalho está em andamento sofrendo interferências da greve dos professores municipais.

Palavras-chave: Estudos Culturais – futebol - Educação Física

Quando chamamos alguém, ou pelo nome, ou apelido, ou por qualquer forma estamos falando sobre a identidade ¹do sujeito. As “coisas” ditas e faladas acabam sendo produções de nossas falas diárias daquilo que significamos no dia-a-dia, sabendo que esta significação² que produzimos tornam-se identidades fragmentadas, móveis e instáveis na pós- modernidade³. Os signos culturais⁴ nos mostram que precisamos nomear as “coisas” para assim estarmos mais próximo da representação de que supostamente necessitamos.

Esta costura que se faz entre o sujeito e a sociedade nos faz “ter” uma sensação de conforto perante aos outros e à vida. É só pensarmos em poucos casos que as pessoas não possuem seu nome. Desde a gravidez o nome da criança é um assunto entre amigos e familiares e poucos mudam de nome pelo resto da vida. As legislações dificultam essa mudança, por diversos fatores que não é o assunto em questão.

Assim, quando estamos na escola às diversas nomeações que nos fazem conhecer as pessoas são processos que se constroem incessantemente. Professoras e professores, funcionários e alunos, todos sem exceção sabem de quem estão falando sem mesmo se falar o nome. Os 5º anos do ciclo I é um exemplo de uma denominação que se dá aos grupos de alunos na escola. Nesta sala tem o grupo das meninas, o grupo dos meninos, o daqueles que não querem fazer nada, os “cdfs”, os “boleiros”, as meninas do “balé”. Estas marcações que fazemos são formas de nos diferenciar dos outros. Para elucidar a consideração Silva (2000), de acordo com o linguista Ferdinand de Saussure diz que “os signos que constituem uma língua não tem qualquer valor absoluto, não faz sentido se considerados isoladamente... ele só faz sentido numa cadeia infinita de conceitos que não é aquilo que está se falando” (p. 76). Isso ocorre quando

¹ Trabalharemos com o conceito de identificação proposto por HALL (2000) como um processo nunca completado- como algo sempre em processo. Ela não é, nunca completamente determinada no sentido do que se pode, sempre, ganhá-la ou perdê-la, no sentido que ela pode ser, sempre sustentada ou abandonada.

² Aqui entendido como produção de sentidos.

³ Transformações culturais ocorridas a partir do pós-guerra e da virada linguística na década de 1950/1960 que estão desestabilizando os sujeitos e suas identidades culturais. Como exemplo o surgimento das mídias.

⁴ “Na teorização de Saussure (1977), a linguagem é entendida como uma estrutura, um sistema cuja unidade mínima se denomina signo. O signo (sinal) é aquilo que está no lugar de alguma coisa e, em certa medida, representa-a para alguém. O signo não é a coisa em si, ele dá sentido (à coisa), em virtude da sua capacidade de representá-la (a coisa) em um processo de comunicação.” (Neira e Nunes, 2009, p. 170).

dizemos que somos brasileiros, mas, só dizemos isso por conta de sabermos que não somos americanos, por exemplo. Entende-se que estas posições de sujeito que assumimos estão ligadas às relações de poder que nos interpelam para a normalização⁵.

Com isto, o título “molecada” pode parecer para se designar os homens, os meninos que ficam na rua brincando, jogando bola, sem fazer nada. Porém, a palavra molecada possui distintos significados. Apesar das tentativas de fixação tentarei distingui-la para que o significado não cesse. Molecada, na etimologia, vem de “mu’leke”, de origem quimbunda (língua dos povos bastos de Angola) e quer dizer menino. Na linguagem popular ou do senso comum o significado é de menino inquieto e bagunceiro, é o caso, por exemplo, quando ouvimos chamá-los dessa forma: “que moleque chato, não faz nada e ainda incomoda os outros”. Ao mesmo tempo também dizemos sobre o moleque em condições mais positivas, como um “moleque feliz” ou “que moleque esperto!”. Assim, mesmo com o significado da palavra associado ao masculino⁶, a ideia de molecada tem a pretensão de hibridizar⁶ as identidades sem a intenção de homogeneizá-las. Molecada que indica o masculino, também percebe a aproximação do feminino, principalmente quando o assunto é uma prática futebolística. Molecada por considerar o “bando de crianças”, os alunos e alunas, os sujeitos e as sujeitas. Molecada é assim que os chamo.

Ouvimos muito na atualidade, tanto nas redes sociais, ou em conversas entre amigos, ou em outras condições de existência que o termo moleque, torna-se “MOLECA” para muitas. O próprio universo feminino define-se: “eu era uma moleca quando criança subia em árvore e tudo mais”. Apesar do signo aproximar-se do que o homem faz, pois esta gestualidade é comum na representação do menino “arteiro” e não da menina. Às vezes as relacionamos apenas com os aspectos dóceis da identidade. Porém, como dito no início, as identidades estão sendo fragmentadas e descentradas constituídas na linguagem e no discurso. E uma das consequências desta transformação

⁵ Eleger -arbitrariamente- uma identidade específica como o parâmetro em relação ao quais outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. SILVA (2000).

⁶ Para Silva (2000) o hibridismo é a mistura, a conjunção, o intercurso de diferentes nacionalidades, entre diferentes etnias, entre diferentes raças que coloca em xeque aqueles processos que tendem a conceber as identidades como fundamentalmente separadas, divididas, segregadas.

é o fato das políticas afirmativas de identidade⁷ recorrerem ao aspecto igualitário para se firmarem na sociedade, chegando a consensos sobre “se ele pode eu também posso”.

Mesmo assim, pouco escutamos falar de uma prática feminina na qual o homem queira se aproximar. Podemos perceber o quanto é incômodo para alguns meninos serem confrontados com características femininas ou então realizarem práticas das meninas. É como se fosse um xingamento. Mas, em contra partida, sabemos o quanto o universo masculino também se utiliza do que chamamos de feminino. Homens cozinhando, utilizando produtos de beleza, cuidando da família.

Estas transformações que estão ocorrendo na pós-modernidade fazem com que nossas identidades pessoais estejam sempre mudando, abalando a ideia de que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Temos a sensação de que estamos perdendo o sentido de si, o que Hall (2005) chama de deslocamento ou descentração do sujeito.

Portanto, a ideia dicotomizada de universo masculino ou feminino está sendo abalada também. Neste encaixo as relações homoafetivas estão cada vez mais em evidência, rompendo com a heteronormatividade⁸.

Porém, nas falas das crianças encontramos identidades homoafetivas sendo questionadas na infância. Em uma das aulas um aluno disse ao outro em tom de deboche: “*que chute de bicha*”, perguntei a este: “*o que é bicha?*”, ele retrucou: “*é quem se veste de mulher*”. Tentei argumentar com o aluno que somente se vestir de mulher não define a opção sexual da pessoa. A intenção não era discutir sobre questões de gênero e sexualidade no futebol, muito menos de firmar uma identidade hegemônica, mas sim colocar em xeque as representações que o futebol nos proporciona.

Assim, ao descrever um relato de experiência com o Ciclo I do ensino fundamental a significação dada ao longo das aulas não está atreladas à inserção de todos na prática como medida de políticas conservadoras e neoliberais que apelam para a identidade e a igualdade como forma de metodologias de ensino. Nesta concepção “a

⁷ As políticas afirmativas de identidade feminina fazem parte daquele grupo de “novos movimentos sociais”, que emergiram durante os anos sessenta (o grande marco da modernidade tardia), juntamente com as revoltas estudantis, os movimentos juvenis contraculturais e antibelicista, as lutas pelos direitos civis, os movimentos revolucionários do “Terceiro Mundo”, os movimentos pela paz e tudo aquilo que está associado com “1968”. (Hall pp. 44, 2005)

⁸ Quando as identidades masculinas e femininas tornam-se a norma.

doxa triunfante, o pensamento único, o consenso fabricado fecham o campo da significação, restringem as alternativas, apagam a memória, negam o passado, reificam o presente e sequestram o futuro” (SILVA, p. 8, 2001).

As práticas futebolísticas no interior da escola não são representadas somente pelos homens, mas de uma maneira geral por todos. O que de fato tentaremos abordar aqui é como as identidades e as diferenças são produzidas pelo esporte e relacionar estas questões nas aulas, a fim de produzirmos e significarmos um currículo no qual as crianças compreendam suas relações com a sociedade.

Os tempos atuais favorecem para que os sujeitos montem suas vidas a partir de identidades culturais móveis. Móveis por percorrer em diferentes espaços sociais que até ontem não circulavam. Homens que hoje frequentam centros de beleza, mulheres que frequentam academias de lutas, brancos que negavam negros, índios que viviam em suas comunidades. Essa relação feita não quer dizer em hipótese alguma valor de juízo sobre essas relações, o problema está circunscrito nas distintas identidades que a modernidade tardia está nos ofertando. O que se conta sobre essas identidades são faladas a partir do hoje, pois o de ontem foi contada por outras pessoas e de outra maneira e o da amanhã da mesma forma, por outros. Assim, podemos entender esta relação como um processo discursivo, na qual a linguagem está em constante produção de sentidos.

Para exemplificar a relação do sujeito com a linguagem e a pós-modernidade, basta assistirmos em algum programa de TV sobre o futebol, e especialmente em época de Copa do Mundo , quando os participantes citam cenas do passado, de como foi o chute, o gol, quais jogadores foram expulsos, como os técnicos procederam frente ao jogo, às lamúrias pelo nacionalismo que essencializam as condições de sujeito proclamando mitos fundacionais, como pessoas que hoje nem jogam mais.

Não é só na TV que a linguagem transmuta, nos bares, nas reuniões com amigos e familiares, em instituições das mais variadas, não há um só local que a linguagem não seja dita, pensada e produzida. Podemos dizer que montamos imagens mentais de tudo ao nosso redor. E, apesar dessa sensação de conforto nos parecer libertadora, a identidade “escorrega”, “escorre pelas mãos”. As “coisas” não são “coisas” reais ou esmeris da realidade. Para Silva (2000, p.90) esta ideia de representação é questionada pela teoria da linguagem por considerá-la:

“como um sistema de significação [...] que se rejeitam, sobretudo, quaisquer conotações mentalistas ou qualquer associação com uma suposta interioridade psicológica [...] a representação expressa-se por meio de uma pintura, de uma fotografia, de um filme, de um texto, de uma expressão oral”.

Assim entendemos a representação como uma forma de atribuição de sentidos, que são marcadas pela instabilidade, ambiguidade e indeterminação.

Com isto, o projeto “Futebol da Molecada”, não significa tratar do tema simplesmente porque o Brasil está sediando uma Copa do Mundo, acenando para uma possível exacerbação do consumo, ao tratá-lo de forma hegemônica. Mas situar a representação que as crianças têm da prática em questão, para significá-las a partir daquilo que as crianças dizem, daquilo que as intrigam, e de como os discursos vão produzindo sujeitos.

Além de tudo isso, não há como negar a enorme facilidade de acesso às informações relacionadas ao futebol. Bandeiras nas ruas, férias escolares adiantadas, mídias bombardeando em diversos setores, obras faraônicas para atender turistas e empresas patrocinadoras/organizadoras, enfim, uma gama de imagens (significante⁹) daquilo que está acontecendo no local e no global, ao mesmo tempo.

Logo nos primeiros dias de aula problematizei com as crianças sobre o que pensamos sobre o Futebol. Este questionamento não quer dizer que o que o aluno diz é aquilo que realmente pensa, porém são formas de nos aproximarmos das significações das crianças e de suas representações do Futebol. Assim, escutamos alguns comentários como:

“É um esporte muito praticado no mundo, meninos e meninas gostam.”

“É chato, porque algumas pessoas não sabem jogar.”

“É importante para a cultura do país”

⁹ “Os signos são formados pelo conjunto significado/significante. O significado é o conceito dado arbitrariamente ao signo em cada cultura e o significante é a imagem mental atribuída ao signo. Resumidamente, não há nada que estabeleça um vínculo natural entre significado e significante, esse vínculo é sempre uma construção social.” (Neira e Nunes, 2009, p.170).

“Bom, porque reúne as pessoas.”

“Serve para emagrecer”

“É uma arte, porque desde os tempos de Pelé foi evoluindo”.

“Desenvolve certas habilidades”

“Só serve para machucar o pé”

“Fazer amizades”

Dessa forma, percebemos que a prática futebolística se constitui pela linguagem na qual está sendo interpelada, nas múltiplas possibilidades de significação. Não há um só jeito de representar o Futebol. De modo geral, tanto meninos quanto meninas têm suas significações sobre a prática que são compartilhadas e discutidas no decorrer do cotidiano na escola. Lembrando que, não é somente na aula que as crianças produzem seus discursos. Em tese, os discursos com relação ao futebol percorrem outras narrativas que não correspondem somente ao futebol, desde valores nacionalistas, como de preceitos de saúde e interação.

Após esta problematização¹⁰ pensei em propor para a molecada jogarem futebol na aula. Levei três bolas de borracha e solicitei que se distribuíssem em grupos e jogassem da maneira que achassem melhor. Como de costume, alguns reclamaram sobre o fato de não poderem jogar na quadra toda como acontece no intervalo. Uma breve passagem deve ser salientada. Durante o recreio na escola as crianças levam brinquedos e dentre estes sempre tem uma bola. Não importa o tipo de bola. Capotão, tampinha, papel, são alguns dos tipos que, principalmente os meninos trazem e nos períodos que não estão em aulas tentam burlar a vigilância para jogarem seu futebol.

Os meninos destes 5º anos costumam se juntar para jogar na quadra toda durante este período. Como são meninos mais velhos que os outros do ciclo, acabam por inúmeras vezes tomando conta do espaço, reservando aos outros o pátio, o espaço da merenda e os locais perto da quadra. Até então estava tudo certo para eles. O que não tinham ideia era de que num futuro próximo teriam que dividir esse espaço durante o intervalo.

¹⁰ Questionamentos que interpelam os sujeitos sobre o tema.

As meninas exigiram jogar futebol na quadra nos horários de recreio. Isso levou a gestão da escola a repensar este momento das crianças, dividindo os dias para cada grupo (meninos e meninas). A escola, em certo momento, assumiu uma postura proveniente das políticas multiculturais afirmativas, porém, não houveram debates com os alunos, e os meninos tiveram que “engolir a seco”.

Apesar da escola se posicionar a favor das meninas, fato positivo por se tratar de um local hegemonicamente masculino, as condições foram de imposição. Propus para discutirmos em JEIF¹¹ sobre esta ação, tanto nas aulas ou em outros espaços, mas ainda nada foi realizado. É como uma goteira que não fecha, mas que está sujeita a mudanças.

Pois bem, durante a prática que não era necessário, por exemplo, usar o gol, dois grupos tomaram a quadra para eles. Sem que eu tenha organizado como jogar futebol, as crianças dividiram-se em grupos de meninas e meninos separadamente e uma das bolas foi deixada para trás fazendo com que a quadra fosse dividida entre eles e elas. Foi aí que alguns problemas foram surgindo. Os meninos começaram a reclamar que as meninas entravam em seu espaço para pegar a bola que estava do lado delas. Instantaneamente uma das meninas também reclamou que eles entram na “parte delas” para pegar a bola. Como forma de produzir espaços não de igualdade, mas de equidade, perguntei à turma:

- O que podemos fazer para que essas coisas não atrapalhem a prática dos grupos?

Uma das meninas disse:

- Quando a bola invadir o espaço dos meninos ou das meninas não dá para ir todos atrás da bola, temos que ir um de cada vez.

Disse a ela:

- E de onde você tirou essa ideia?

- Lá onde eu jogo é assim.

Percebemos o quanto a cultura produzida pelos sujeitos é disseminada e podem se tornar formas de separação de grupos sociais. Em nenhum momento disse a eles o

¹¹ Jornada especial integral de Formação. Horário extra para formação dos professores da rede municipal de São Paulo.

que teriam que fazer para resolver o problema, a discussão era para que percebessem que o Futebol ocorrido em outros espaços não é da mesma maneira na escola. Perguntei para a sala:

- Quantas crianças tem lá onde você joga?

- Umas 10. Disse a menina.

Ora, jogar futebol nos centros esportivos, nos clubes, nas ruas, nos campos não é da mesma maneira que jogar na escola. Pedi para as crianças relatarem como jogam Futebol em outros espaços. Entre times, sozinhos, com o irmão no quintal, com chinelos servindo de gol, são formas que os sujeitos se arranjam para praticar aquilo que desejam. Não importa como, mas jogam.

Novamente fomos jogar o Futebol do grupo das meninas e do grupo dos meninos. Solicitei que organizassem como iriam jogar. Se teria gol, se todos jogariam ao mesmo tempo, quem iria ficar de fora, etc. As meninas produziram um tipo de Futebol que estamos mais acostumados a ver. Dois times escolhidos por elas e um goleiro. Esse goleiro é um menino que me disse que não gostava de Futebol, mas não quis entrar em detalhes sobre o porquê de não gostar. Porém, é um menino que de vez em quando é taxado de “*gay*” por alguns. Perguntei:

- Por que você não foi jogar com os meninos?

Sem respostas, não quis me responder novamente. Mas, é importante salientar que após as aulas este aluno percorria entre os espaços “ditos” femininos e masculinos. Poucas vezes ou nenhuma observamos tons pejorativos a ele.

Durante as práticas de Futebol dos grupos, fomos à sala discutir como estavam jogando, quais os problemas que estavam ocorrendo, se o jogo que montaram estava dando certo ou errado e por que.

Vários alunos e alunas reclamaram que uns não deixavam jogar, que tomavam conta da bola e não “chutavam” para elas. Uma menina me disse:

- Professor, eu não encostei na bola. Elas não deixam.

Como forma de compreensão daquilo que vai se formando, disse às crianças que nem sempre vamos encostar na bola, em uma das aulas, perguntei se sempre que jogam Futebol “tocam” a bola para alguém. Perguntei para a sala:

- Por que não tocam para ela?

Uma menina disse:

- Ela é ruim!

A outra menina retrucou:

- Ela fica parada ué! Como vamos tocar?

- A outra é “fominha”, não passa para ninguém também.

Indaguei:

- O que é ser fominha?

- Ah professor, é aquele que não passa a bola para ninguém.

- E quem é fominha então?

- Os que acham que sabem mais - Disse outro moleque.

Entre eles também disseram que tinham os “fominhas”. E, isto para as crianças era um incômodo. Muitos não gostam da postura de alunos que jogam bem o Futebol, que sabem driblar e chutar como outros não conseguem.

O Futebol como jogo tem suas especificações: correr, passar a bola, chutar, cabecear, posições de jogadores em campo ou quadra, árbitros, outras pessoas envolvidas que não são somente os jogadores. Estas considerações foram debatidas com as crianças a fim de entendermos porque algumas pessoas não conseguem jogar Futebol, por exemplo.

Continuei questionando:

- Mas, na escola tem que ser assim?

As crianças disseram que não.

Na aula seguinte após conversarmos sobre este assunto fomos à quadra para realizar o jogo de meninas e dos meninos. Elas pouco jogaram, algumas não estavam com vontade, outras queriam fazer outras coisas e os meninos em peso jogaram o Futebol, com um goleiro e dois times divididos na quadra, com outros de próximo esperando para jogar, neste instante uma menina me disse:

- Como os meninos jogam bem né, Professor?

Perguntei a ela:

Porque acha isso?

- Eles chutam bem, eu não sei chutar assim! - Disse ela.

Foi então que percebemos como a produção da identidade e da diferença vai sendo construída entre as crianças. Essa diferenciação¹² que ocorre na linguagem: “*eles chutam bem*” traz para o centro o “*eu não chuto bem*”. Mas, a pergunta deve ser respondida para os dois lados. Por que alguns chutam bem, por que alguns chutam mal? Olhar não é o da biologia que valoriza aspectos genéticos de cada um para dar um valor sobre o tema. Poderíamos assumir uma visão naturalista que prega a força física masculina, inerente, para explicar o processo de diferença. Porém, a percepção é para que compreendam como certas coisas vão se constituindo, e quais ações podemos ter na escola, pois a sensação que nos dá é que as “coisas” são assim mesmo, meninos são bons de futebol e meninas não.

Perguntei para algumas meninas que estavam ao meu lado:

- Todos os meninos chutam bem?

Elas:

- Não, mas parece que chutam melhor que nós.

Eu novamente:

- E, porque temos a sensação de achar que eles jogam bem e chutam melhor que vocês?

¹² A diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas. SILVA (2000).

Uma menina me disse:

- Eles vivem jogando bola aqui na escola e em outros lugares. Acho que é por isso. Respondeu em dúvida.

Disse a elas:

- Vamos conversar na sala sobre isso na próxima aula.

É importante dizer que a linguagem vai formando as identidades e as diferenças as quais o discurso promove. Para uma boa parcela da sala, as meninas não sabem chutar e os meninos, em sua maioria, são melhores que elas.

É preciso considerar que em um mundo que os jogos são televisionados, transmitidos nos rádios e nas mídias, em geral realizados por homens, há uma força para que fique marcado que o poder futebolístico está com eles. Solicitei que observassem aonde moravam, quais eram os locais para as práticas de Futebol e quem eram as pessoas que estavam jogando.

Várias crianças contaram que, em sua maioria observavam o Futebol jogado nas praças, nos campinhos próximos de suas casas, nos centros de infância e juventude e que em sua maioria eram meninos jogando.

Um menino me chamou de lado e disse:

- Professor, lá na minha escolinha de Futebol tem um monte de menina que joga bem.

Perguntei em voz alta para que todos ouvissem:

- E vocês jogam juntos ou separados?

- Separados...

A produção histórica do Futebol diz que os homens são seus precursores, por conta das condições de existência. Em épocas antigas as mulheres tinham pouco envolvimento com esta prática corporal, sendo em alguns momentos proibitivas.

- O quê? As mulheres não jogavam Futebol? Disse uma menina irritada.

- Não, mas as mulheres foram conquistando seus espaços após muitas lutas e reivindicações por questões de igualdade. Disse a ela.

- Você não conhece mulher que joga Futebol? Perguntei.

- A Marta¹³. Disse a aluna.

Para elucidar o tema Laclau apud Hall (1996) argumenta que “toda identidade social é um ato de poder” e complementa:

“pois se uma identidade consegue se firmar é apenas por meio da repressão daquilo que a ameaça. Derrida mostrou como a constituição de uma identidade está sempre baseada no ato de excluir algo e de estabelecer uma violenta hierarquia entre os dois pólos resultantes-homem/mulher etc.” (P. 110).

Neste sentido, solicitei uma pesquisa para casa e que tinham que responder quais práticas corporais a molecada se identificava. Até para que os outros alunos percebessem o que os “Outros” fazem. Que o Brasil “não é o país do futebol”, como taxam alguns setores do mercado de trabalho. Que outras práticas são formadas com muito mais frequência que o Futebol. Brincadeiras de boneca, dança, bafo, desenhar são exemplos de como vamos nos identificando na atualidade. Sem o essencialismo que justifica essas opções por conta da razão sexual, o objetivo era de que entendessem que estas práticas corporais observadas e pensadas são construções que vão nos posicionando na sociedade.

- O que os meninos ganham quando nascem?

- Bola

- Carrinho

Disseram eles.

- E as meninas?

- Bonecas, vestidinhos...

Novamente a linguagem nos “pega” de surpresa e remonta de outra maneira:

¹³ Jogadora de Futebol da Seleção Brasileira.

- Eu não gosto de brincar de boneca, eu gosto de jogar Futebol. Disse uma menina.

- É professor, o apelido dela lá no Centro é Maria Macho porque ela só gosta de jogar Futebol com os meninos. Disse o amigo.

No momento da aula percebi que a menina não havia ficado brava ou algo assim, assumiu certa identidade quando jogava Futebol, mas em outros momentos preferia estar com as meninas brincando de outra coisa.

Novamente na quadra o problema dos chutes estava em questão. Em vários momentos ouvia as crianças dizendo para chutar a bola. “*Chuta aqui pra mim ô*”, “*Chuta lá*”, qualquer forma para designar um movimento no futebol estava restrito, relacionado ao chute.

Em todos os momentos de um jogo de Futebol não realizamos somente chutes. Existem passes, lançamentos, cabeceadas, toque de bola, etc. A molecada disse essas coisas nas aulas.

- Então, se nem tudo que fazemos são chutes, para que serve o chute? Indaguei.

- Para fazer o gol! Disse um menino!

- Só chutamos para fazer gol? Perguntei novamente.

- Não, chutamos para passar a bola! Respondeu uma menina.

Como forma de relembrar aquilo que estávamos estudando e mostrar como o Futebol, como uma prática histórica que possui suas produções para se jogar, afirmei:

- Mas o que você está falando é passe de bola, não chute!

As crianças concordaram.

Assim, fomos à quadra para perceber como chutamos, de que forma fazemos isso e quando fazemos. Uma menina me disse:

- É mesmo professor chutar é diferente que passar né?

Novamente precisamos lembrar que o sistema de significação tem que estar constantemente aberto para que os significados culturais não fechem suas formas de análise do mundo.

Para tanto, discutir com as crianças sobre tais representações nos leva a pensar que os significados sobre o chute devem ser remodelados a partir daquilo que estes dizem.

Assim, dentre as aulas seguintes o tema chute no Futebol virou uma “febre” entre as crianças. Queriam experimentar somente os chutes. Desta forma perguntei as crianças como poderíamos realizar esta prática. Uma das crianças disse para fazermos que nem no pênalti. Este mesmo pênalti que não foi instituído no Futebol, como esporte, em seus primórdios.

- Não existia pênalti professor?

- Não! O futebol foi mudando junto com a gente. Respondi a ele.

Não só o pênalti, mas os cartões, a área, os árbitros, a bola, foram revisados pelos “peritos da bola”. E, muitas dessas modificações foram “forçadas” pelos setores midiáticos.

Durante a prática do pênalti, não assistíamos mais somente grupos de meninas e de meninos, mas sim, uma mistura entre a molecada. Perguntei:

- Porque vocês estão aqui meninas? Vocês não dizem que os meninos não gostam quando vocês jogam com eles?

- Estamos querendo ver como eles chutam. Disse uma das meninas.

- E o que estão achando?

- Legal.

À medida em que íamos experimentando os chutes, alguns alunos também diziam sobre o jeito de chutar. Assim, conversamos sobre o assunto em sala.

Perguntei novamente à molecada:

- Existem tipos de chutes?

O alvoroço para responder significou que as crianças possuem conhecimentos. Às vezes taxamos e dizemos que não sabem nada. Quem não sabe somos nós. Lembraram-se dos chutes de “bico”, “trivela”, “chapa”, “de letra”, “bomba”, “bicicleta”, “voleio”, “calcanhar”. Neste dia, relacionamos também o fato destes chutes terem a ver com os movimentos que fazemos em outros contextos e com a parte do corpo intitulada. A problematização não cessou por aí. Os alunos foram convidados a analisar em quais condições realizamos estes chutes, que também nos “passes” acontecem.

- Quando vamos fazer o gol, quando chutamos para a bola não entrar no gol, para tirar da defesa. Disse um aluno.

Estas questões foram conversadas com as duas turmas, e a produção das crianças neste sentido foram diferentes conforme transcorriam as aulas.

Em uma das aulas, estávamos preparados para experimentar os diferentes tipos de chutes no Futebol, mas a chuva atrapalhou o andamento da prática por inundar a quadra.

Disse um menino:

- Não acredito que não vamos para a quadra!

Neste instante propus que tentássemos realizar esta prática em sala de aula. Perguntei quem gostaria de demonstrar os chutes. A maioria dos meninos se propôs, as meninas queriam só observar.

Dentro da sala de aula encostamos as carteiras para o lado e fizemos a parede como gol e uma distância para as crianças mostrarem como eram os chutes que havíamos discutido. Durante a prática uma das meninas quis filmar para que pudessem realizar na aula posterior.

Vale ressaltar que este dia foi hilário. As crianças pulando na sala, gritando quando saía gol, e eu tentando “controlar” o ímpeto deles. Mas não tinha como, a empolgação era enorme. Um dos alunos quando foi mostrar a bicicleta bateu as costas no chão e teve que sair da sala para medicar-se. Depois voltou sorrindo dizendo que estava bem.

Na aula seguinte fomos à quadra tentar realizar os chutes. Duas fileiras, cada um tinha direito a um chute para sentir como era e suas dificuldades. A molecada pôde perceber que os diferentes tipos de chute servem para determinadas situações. Às vezes chutamos com força, às vezes devagar, às vezes “colocada”, de diversas maneiras.

Importante comentar que utilizamos algumas aulas para que pudessem realizar os chutes. Muitas crianças sentiram a dificuldade e queriam realizar mais vezes para poderem acertar. Conversamos que alguns chutes são de extrema dificuldade e que lembram outras práticas, como a Capoeira, a Ginástica, como no caso da bicicleta, etc. Este assunto será abordado adiante.

No decorrer das aulas sugeri às crianças que pensassem em práticas de chutar. O futebol, em sua esfera, não é somente organizado por equipes e prescrito numa lógica na qual só jogamos de um jeito, a esportiva.

Discutindo o assunto com as crianças percebemos que existem várias formas de jogar futebol em que os chutes estão presentes: gol a gol, três dentro três fora, linha, chutar no quintal de casa, rolinho porrada, um a um, caixote e, dentre outros o “cú de boi”.

Para uma das salas os alunos queriam experimentar o gol a gol em duplas. Meninos e meninas separados. A alegação que o chute dos meninos podia machucar fez com que algumas meninas preferissem jogar entre elas. Na outra sala, o “cú de boi” foi a sensação, porém, a linguagem atravessa e uma aluna disse:

- Que é isso professor? Que nome feio! Eu não quero ver esse jogo nunca na minha vida!

Perguntei a ela:

- Porque você acha isso se nem jogou ainda?

- Não posso falar para a minha mãe que ela me bate! Ela é evangélica, não posso ouvir essas coisas!

- Vamos ver como é o jogo, você acha que vai aparecer um boi aqui?

Ela riu timidamente.

As “coisas” atravessam nossos universos culturais cheias de representações que são produzidas pelos sujeitos. Tentei pesquisar sobre esse nome e o que queria dizer, mas foi em vão. O significado da brincadeira se deu quando fomos realizá-la. A prática explicada por um moleque, na qual havia aprendido em uma escolinha de esportes da região, consiste em eliminar um jogador da partida. Quem fizesse o gol eliminaria o outro. O mais interessante desta prática não foi a menina e os “outros” que não sabiam como era, foi perceber o quanto o jogo exclui os melhores. A cada menino que fazia um gol, eliminava um menino que considerava bom. A cada bola que saía da região do fundo da quadra, quem a tivesse chutado também estaria fora. Quem ganha o jogo é o que ficar por último na quadra. O jogo é de extrema tensão. Algumas crianças pediam para serem eliminadas, outras ficaram iradas quando os amigos as tiravam. Discutimos esse assunto em sala depois:

- Como foi o “cú de boi”?

A menina que havia se intrigado pelo nome deu sua resposta.

- Achei que era outra coisa professor! Gostei do jogo, mas ainda acho esse nome feio!

Alguns alunos reclamaram que durante a prática os meninos formavam times para poder ganhar.

- Vale isso? Perguntei.

Algumas crianças disseram que sim outras que não. Mas, combinou-se que não valeria porque senão alguns seriam sempre excluídos. Jogamos novamente e alguns tentaram fazer os times, mas foram repreendidos pelos outros.

Dentre os momentos de aula, fomos percebendo também que algumas crianças não queriam às vezes jogar, chutar ou qualquer outra proposta.

Em sala perguntei o porquê de estas coisas acontecerem, alguns disseram que não gostavam de chutar, outros não queriam se machucar, e para hibridizar o discurso e a linguagem perguntei às crianças se só usamos os chutes para jogar Futebol. Se existem outros tipos de chute na sociedade e de que forma são representados. Lembramos que o termo chutar possui inúmeros significados, como uma metáfora, falamos que chutamos para abandonar o outro, como disse uma das meninas: *“vou dar um chute no meu*

namorado”, quando estão com raiva, quando existem brigas, em diversas conotações que o significado não fique estático ao futebol. (Chutar o pau da barraca)

Percebendo a dificuldade das crianças em relacionar os chutes com outras práticas corporais levei alguns vídeos que mostram como são significados os chutes nas outras modalidades. Assim, levei vídeos de mulheres e homens realizando Karatê, Capoeira, Taekwondo e Dança do ventre.

Em todos os vídeos discutimos como são os chutes e para que as pessoas se utilizam desses chutes. O futebol assim como outras práticas corporais também se auxilia dos chutes para comporem a gestualidade.

Como produção de sentidos, solicitei para que as crianças organizassem vivências em que realizariam o chute, mas que não fosse o Futebol. O momento era para perceberem e experimentarem como são essas formas de chutar e não precisavam ser representadas somente pelos vídeos que assistimos. A invenção era primordial.

As crianças tiveram dificuldades em realizar a proposta. Alguns disseram que não haviam entendido, outros perguntavam quando eu iria dar a bola, mas um fato importante foi o de perceber que as outras crianças que estavam distantes daquela prática inventaram suas formas de chutar.

Em grupos o que se viu foi uma gama de práticas corporais que utilizam os chutes. Nas lutas, (alguns tentaram jogar capoeira), nas ginásticas, nas reinvenções do futebol, na qual meninas criaram uma forma de dançar e chutar a bola. Na dança, como na dança do ventre que o passo que parece um chute tem o nome de básico egípcio, e no balé, como o Grant battement, que uma menina nos disse.

- Olha professor, eu faço esse chute no balé! Eu e as meninas estamos montando uma coreografia para a sua aula! Disse a moleca.

- Vamos apresentar para a sala depois. contei a ela.

Ainda não realizamos as apresentações que as crianças gostariam de fazer. O intuito não é o de discutir com as crianças sobre as etnias vistas nos vídeos e falar para aqueles que não se enquadram no futebol que vão ser felizes e que sabem chutar. Porém, possibilitar às crianças outras formas de significar o currículo, ao mesmo tempo em que, não são obrigadas a jogar e muito menos gostar do futebol. O objetivo foi o de

ampliar a representação do chute e produzir outros significados, bem como a diferenciação das coisas que surgem, tentando relacionar com a sociedade.

Para tanto, o projeto sofreu uma contingência devido à greve dos professores da Rede Municipal de São Paulo e será retomado após sua finalização.

Referências Bibliográficas:

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade?. In : SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

NEIRA, M.G. & NUNES, M. L.F. **Educação Física, Currículo e Cultura.** São Paulo: Phorte Editora, 2009.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, T. T. **O currículo como fetiche.** A poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.